

Música e Educação Básica: processos criativos do projeto Oficina de Música - Escola Integrada

COMUNICAÇÃO

EDUCAÇÃO MUSICAL:

Jussara Fernandino

UFMG - *jussara@musica.ufmg.br*

Brennda Sales

UFMG - *brenndafs@gmail.com*

Douglas Domingos

UFMG - *douglas-domingos@hotmail.com*

Levy Oliveira

UFMG - *pacheco.levy@gmail.com*

Matheus Macedo

UFMG – *teubasses@gmail.com*

Resumo: O trabalho versa sobre o projeto *Oficina de Música - Escola Integrada*, que atua em escolas públicas de Belo Horizonte. Visa a descrever os processos criativos desenvolvidos no projeto, e que são fundamentados nas propostas de educadores musicais que ressaltam a criação, tais como Orff, Schafer, Paynter e Swanwick. Demonstra, ainda, o potencial das atividades de criação no desenvolvimento global e musical do indivíduo, bem como para alimentar metodologias voltadas para a especificidade do contexto educacional em questão.

Palavras-chave: Processos criativo-musicais. Criação e educação musical. Música na educação básica.

Music and Elementary School: Creative Processes of the Project *Oficina de Música – Escola Integrada*

Abstract: The work deals with the project *Oficina de Música - Escola Integrada*, which is applied in the public schools of Belo Horizonte. It aims to describe the creative processes developed in the project which are based on the proposals for music educators that highlight the creation, such as Orff, Schafer, Paynter and Swanwick. It also demonstrates the potential of the creating activities on the global and musical development of the individual as well as to nourish teaching methodologies towards specific educational context.

Keywords: Creative and Musical Processes. Creation and Music Education. Music in Elementary School.

1. O projeto Oficina de Música - Escola Integrada

Oficina de Música - Escola Integrada é um projeto de extensão desenvolvido na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atende duas escolas municipais situadas em Belo Horizonte, contando com 06 bolsistas, alunos da Graduação, que atuam como professores de Música no contexto do *Programa Escola Integrada*¹. As oficinas são desenvolvidas em turmas de 20 alunos em média, atendendo a aproximadamente 500 estudantes do ensino fundamental por ano.

O apoio pedagógico ao trabalho se dá por meio de uma disciplina específica do curso de Licenciatura em Música, objetivando orientar os bolsistas quanto ao planejamento, bem como desenvolver estudos e técnicas de ensino musical no âmbito do ensino público. Considera-se a interação Licenciatura-contexto real de ensino como uma oportunidade de conhecimento da realidade escolar, por meio da qual a Universidade contribui com o conhecimento formalmente construído, e, por outro lado, vivencia novas experiências, em produtivo processo de troca de saberes. Esse fato não somente propicia a imersão pedagógica do aluno da Graduação e futuro educador musical, bem como viabiliza o desenvolvimento de estratégias metodológicas voltadas para a especificidade da escola regular e pública².



Fig. 1: Turma de musicalização infantil

2. Os processos criativos dentro das diretrizes do projeto

Nos primeiros contatos com o *Programa Escola Integrada* verificou-se que o acervo de atividades comumente utilizado pela Educação Musical surtia pouco ou nenhum efeito nas turmas atendidas. Alguns aspectos como excesso de alunos, insuficiência de equipamentos e instrumentos musicais, dificuldades com espaço físico adequado, participação compulsória dos alunos, dentre outros, apresentaram-se como desafios no cotidiano das oficinas. Foi necessário desenvolver uma percepção de outros fatores, até mesmo extra musicais³, para que o projeto começasse a se deslanchar e adquirir uma dinâmica própria. Assim, em sua trajetória, o projeto foi construindo uma base de experiências que viabilizou a proposição de diretrizes para o planejamento de suas ações. Estas, entendidas como apontamentos flexíveis, estão fundamentadas em pressupostos da pedagogia musical, e, em função do foco do trabalho, aqui serão ressaltados seus pontos relativos à criação.

Um dos pontos de partida é o modelo CLASP, de Keith Swanwick. Numa explicação sucinta, a sigla em inglês apresenta as modalidades implicadas no fazer musical, sendo o C a modalidade composição, o L diz respeito à literatura musical, o A refere-se à audição, o S (skills) representando as habilidades e o P significando a performance. Com este modelo, Swanwick propõe um processo educativo no qual ocorre uma retroalimentação entre as atividades musicais, em lugar de enfatizar apenas algumas delas⁴.

Na visão de Swanwick, a composição no âmbito da Educação Musical, não deve se restringir somente às técnicas da composição tradicional, mas considerar os processos criativos como um todo. Nesse ponto, entram contribuições de alguns educadores musicais como referência para o desenvolvimento das atividades práticas. Em Carl Orff, temos as propostas que exploram a movimentação e a musicalidade das palavras; a improvisação orientada (PENNA, 2008: 201); e os arranjos desenvolvidos sobre base de ostinatos. De John Paynter, absorvemos a sistematização do conhecimento por processos de criação, que se organizam por meio da exploração dos materiais, seleção/rejeição dos recursos sonoros, e organização das ideias musicais. As composições dos alunos são valorizadas como parte do repertório e emprega-se o recurso da *realimentação*, que consiste na audição e análise de outras peças, geralmente com temas ou materiais semelhantes aos do projeto de criação (MATEIRO, 2011). E, finalmente, Murray Schafer, em suas proposições denominadas *Paisagem Sonora* e *Limpeza de Ouvidos*, que apresentam uma maior consciência da relação entre o ser humano e o meio sonoro que o cerca. Os exercícios envolvem o contato com o ambiente; a sensibilização aos sons e ao silêncio; a ampliação e a organização da escuta; a pesquisa das sonoridades, suas possíveis classificações e modos de estruturação (FONTERRADA, 2008).

Todas essas possibilidades são desenvolvidas levando-se em conta a abertura à diversidade de saberes, isto é, a valorização do universo cultural e criativo dos alunos, seus gostos musicais, identidades e escolhas. Mesmo porque, os processos de criação em si possuem a propriedade de fazer emergir a subjetividade, a marca individual e os traços culturais dos participantes. Revelando os alunos como portadores de historicidade, fruto de um conjunto de experiências vivenciadas nos mais diferentes espaços sociais (DAYRELL, 1999: 5-6).

A seguir, serão relatadas, como exemplos, algumas experiências desenvolvidas durante o ano de 2015, o que permitirá, também, levantar algumas considerações com relação ao processo de construção do conhecimento no que tange a especificidade do Programa.

3. Experiências vivenciadas nas aulas

Em 2015, o projeto contou com a participação de cinco professores-bolsistas e um sexto bolsista, aluno do curso de Composição, responsável por assessorar os demais em seus projetos de criação musical. O trabalho criativo desenvolvido não visava à imposição de técnicas pré-estabelecidas da tradição musical e, sim, escutar a necessidade de cada criança como um indivíduo pensante. A maioria dos alunos, em diferentes graus de interesses, traziam traços singulares de sua personalidade e das relações únicas que cada um teve com a música, seja na sua educação familiar, igreja ou contato com amigos. Tudo era considerado material composicional em potencial.

O levantamento preliminar recolhia as ideias musicais dos alunos. Frequentemente, esse material inicial era formado por letras de *rap* e batidas de *funk* e algumas sugestões vagas de estilo. Frases como “Imagino que esta letra é para um rock com guitarras no fundo”, e “essa parte deveria ser mais agitada/calma” eram usuais. A partir deste momento, os bolsistas instigavam os alunos a considerar como poderiam utilizar as ideias levantadas, discutindo qual instrumentação (entre as disponíveis em sala de aula) poderia ser utilizada, quais ideias poderiam ser combinadas e como seriam desenvolvidas. Em seguida, os alunos testavam suas ideias nos instrumentos escolhidos. Esta relação é de grande valia, pois, ao contrário do ensino acadêmico de composição, os alunos não escreviam notas em uma partitura tendo que imaginar como soariam. O resultado sonoro era fornecido no momento presente. Portanto, o processo criativo ocorria de uma forma lúdica e divertida, em acordo com França e Swanwick (2002: 10) que afirmam que “a educação musical deve preservar o instinto de curiosidade, exploração e fantasia com o qual as crianças vão para a aula”.

Avaliações eram realizadas a partir de gravações, muitas vezes realizadas no aparelho celular do bolsista, e do ouvir inerente ao próprio fazer musical. Se o resultado sonoro não fosse interessante, novas discussões eram realizadas. Os alunos colocavam os aspectos que os desagradavam, sendo estimulados a encontrar formas de os superarem. Partes da música eram prolongadas ou cortadas, algumas vezes novos instrumentos eram adicionados, outros trocados, quando pareciam não se encaixar com os demais. Este viés é um dos aspectos mais valiosos no processo. A partir dele, o professor faz intervenções apresentando novas terminologias musicais e até mesmo trabalhando a técnica instrumental dos alunos.

Ao ouvir um aluno dizer que a música está “vazia”, a ideia de textura pode ser apresentada. Quando se fala que um instrumento não encaixa com os demais, a questão tímbrica pode ser discutida. A característica de cada instrumento e a existência de limitação

técnica dos intérpretes eram percebidas já no processo composicional. Assim, quando se deparavam com algum ponto que demandava maior destreza técnica, os alunos se empenhavam mais no estudo do instrumento para que conseguissem realizar a ideia almejada.

Estas são algumas situações vivenciadas que exemplificam a vivência de aspectos importantes da criação musical em associação ao desenvolvimento da escuta, à prática instrumental e ao ensino de elementos teóricos, auxiliando a integração das modalidades do fazer musical proposto no modelo CLASP.

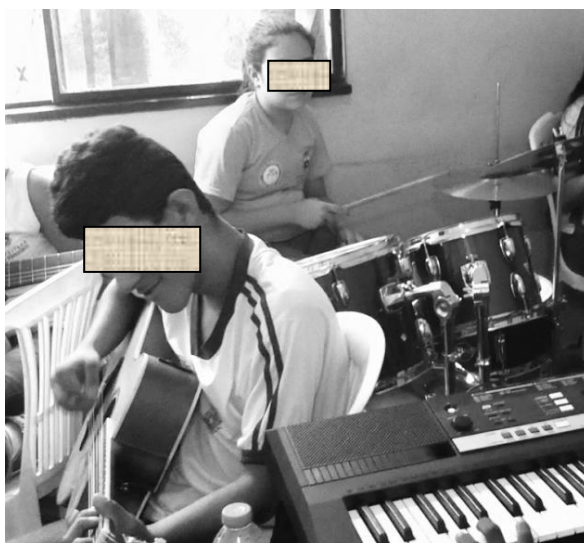


Fig. 2: Grupo em processo de criação

3.1 Projeto de criação a partir da *Paisagem Sonora*. Faixa etária: 9-10 anos.

No trajeto diário entre uma das escolas e a casa na qual são desenvolvidas as atividades do *Programa Escola Integrada*, a turma sempre passa por um parque vizinho à escola. O projeto se iniciou quando o professor-bolsista solicitou aos alunos que, em silêncio, escutassem os sons presentes nesse caminho. Já na sala de música, os alunos explanaram e anotaram os sons ouvidos: “crianças conversando, passos, pássaros cantando, sons do vento balançando as folhas das árvores etc”. A partir desta escuta, organizou-se uma história começando com o amanhecer, passando pelo trajeto dos alunos no parque, a chuva na volta para a escola e o anoitecer. Na aula seguinte, o professor-bolsista trabalhou com a turma a estruturação dos sons de acordo com a história, a forma como poderiam ser reproduzidos e os alunos responsáveis pela produção sonora. Estimulou-os a explorar os sons utilizando o corpo, a voz e os instrumentos musicais disponíveis em classe. Os próprios alunos iam descobrindo e tomando suas decisões musicais, como por exemplo: “sons de pássaros podem ser feitos com as teclas mais agudas do teclado ou mesmo assoviando”; “os sons dos passos podem ser feitos por nós mesmos, caminhando”; “as crianças conversando podem ser nós

mesmos”; “som do trovão pode ser feito com batidas no surdo ou bumbo da bateria”; “podemos fazer o vento assoprando” *etc.* Levantou-se a ideia de registrar o trabalho em um CD, fato que animou bastante a turma. Além da produção das sonoridades, os alunos realizaram a narração da história, que foi acrescida de um arranjo de violão ao fundo, executado pelo professor-bolsista. Com a ajuda do professor de Informática, realizou-se a gravação com o equipamento disponível na escola⁵. Tudo foi realizado de forma simples, com os recursos disponíveis, mas de forma bastante gratificante: o envolvimento das crianças com o processo de criação, desde a listagem dos sons, a produção do texto, as aulas voltadas para os ensaios e a animação do dia da gravação. Como finalização do produto, a coordenadora da escola preparou cópias dos CDs e a produção artesanal do encarte, que incluiu fotos dos alunos e o texto com a descrição do trabalho, também produzido pelos estudantes. Por fim, os CDs foram distribuídos a cada aluno participante como forma de valorização e concretização do projeto de criação musical realizado.

3.2 Criação cênico-musical. Faixa etária: 9-10 anos.

Um grupo de alunos compôs uma canção falando sobre a amizade entre amigos. A partir da estimulação da professora-bolsista, a turma desenvolveu uma criação cênico-musical que envolveu um grupo de alunos na dramatização e outro na intervenção musical. A criação se estruturou da seguinte forma: um aluno representa um dos amigos que está preso em algum lugar e pede socorro. Dois outros vão ao seu encontro com passos ritmados associados a um padrão rítmico executado no surdo e na caixa clara. O momento em que o amigo é salvo é ressaltado por uma significativa pausa nas sonoridades. Após a cena do resgate, a percussão volta e ocorre um momento de dança que utiliza passos de *break*. A amizade é celebrada com um aperto de mão e a dança continua. Em seguida, os amigos em círculo cantam a canção da amizade, sendo que a percussão instrumental é por vezes interrompida, uma vez que o grupo da cena reveza entre si a melodia da canção e efeitos vocais de *beat box*. Ao final, todos entoam “Vai a-ca-bar!” em sons ascendentes e ritmicamente bem marcados até que todos se jogam no chão. Durante toda a performance, um dos integrantes coordena com um gesto as entradas e interrupções da parte instrumental. A criação foi registrada em vídeo para que os alunos pudessem apreciar suas atuações. Cabe ressaltar que a movimentação foi favorecida pelo fato da aula ter ocorrido em um pátio da escola.



Fig. 3: Trechos da criação cênico-musical: canção da amizade e passos *de break*

3.3 Criação e arranjos de canções. Faixa etária: 12-13 anos.

A criação de canções e seus respectivos arranjos muitas vezes surge nos contatos pessoais entre os bolsistas e os alunos, em que estes últimos têm a chance de externar suas experimentações criativas. Alguns exemplos:

Exemplo 1: A criação surgiu em um dia que, especialmente, a turma estava muito agitada e todo trabalho que o professor-bolsista tentava introduzir não funcionava. Este percebeu que um dos alunos estava escrevendo algo e ao mesmo tempo rimando. Notou se tratar de um *rap*. O professor se aproximou e, iniciando um diálogo, perguntou se ele conhecia Criolo, cantor e *rapper* brasileiro. O aluno respondeu que já tinha ouvido falar, afirmando, em seguida, que já tinha composto um *rap*, e tinha se apresentado na rádio da escola. Nesse momento, o professor-bolsista propôs a ele uma nova criação, oferecendo como tema algo relacionado com a palavra Educação. A canção que foi intitulada “Frutos na escola” falou da relação professor-aluno, apresentando a seguinte letra:

Eu chego educando/ Com você rimando/ Eu vou te ajudando/ E você vai estudando/
Com a escola não se brinca/ Eu vou fazer minha rima/ Falando minhas palavras/
Expressando a minha sina/ Eu vou te ajudando, com você, me expressando/ Quando
você cair eu vou estar aqui/ Te ajudando/ Na escola te ensinando/ Preparando para a
vida, liberdade transbordando/. Refrão: Na escola plantando o que é bom, colher os
frutos, futuro, nação.

O professor-bolsista, que se sentiu bastante tocado pela produção, auxiliou na parte harmônica da canção que, em seguida foi gravada na rádio da escola por alguns alunos, contando, ainda, com a participação de outra bolsista na parte vocal.

Exemplo 2: A partir da estimulação do professor-bolsista, alguns alunos apresentaram letras de criações próprias. Em uma delas, com características de *rap*, o aluno pediu para que o professor o ajudasse a criar um “ritmo” para sua letra, que falava sobre “bons conselhos para um amigo”. Na verdade, a letra já estava bastante ritmada e o que o aluno desejava era transformar sua criação em canção. O professor-bolsista, então, aproveitou

a oportunidade para demonstrar a diferença entre ritmo e melodia. Nessa mesma turma, um grupo de meninas resolveu preparar uma letra sobre a história de uma garota que sonhava em ser uma “Pop Star”: “você pode tentar, que os seus sonhos vão se realizar”. Com intervenções do bolsista compositor, a turma se envolveu durante algumas aulas na criação dos arranjos para estas duas composições. Para a primeira, o autor ficou responsável pela voz e bateria e demais colegas complementaram o conjunto com o emprego de dois teclados e instrumentos de percussão. A segunda canção, dentro do estilo pop, desenvolveu-se em um arranjo para voz e violão, com a participação dos demais alunos no canto.

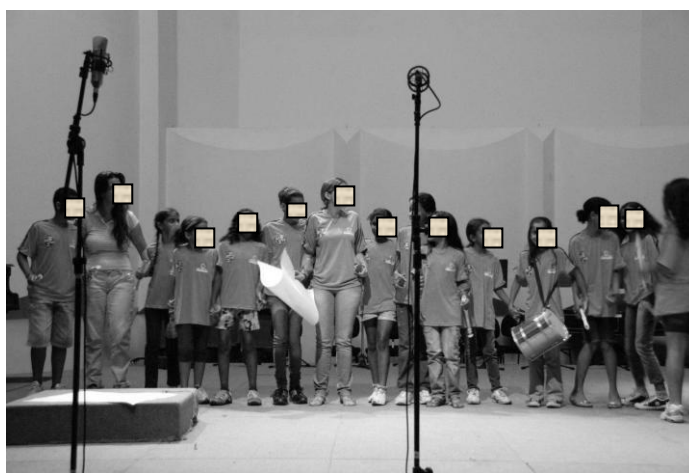


Fig. 4: Apresentação no auditório da Escola de Música da UFMG

No projeto, de maneira geral, estimula-se, também, a fruição de áudios e vídeos musicais, voltada para apreciação musical ou para a *realimentação* de alguma criação anteriormente realizada, como proposto por Paynter. Tudo isso visando à ampliação do universo musical dos alunos. E como último ponto, algumas criações realizadas são incluídas nas apresentações públicas ocorridas nas escolas, juntamente com os demais itens do repertório trabalhado, objetivando reforçar a autoestima e respaldar a criatividade dos alunos no processo de aquisição do conhecimento.

4. Resultados parciais e considerações finais

No âmbito da pedagogia da Música, as atividades de criação são consideradas um excelente meio de desenvolvimento musical. No projeto, temos constatado as propriedades integradoras dessas atividades ao propiciarem relações entre os aspectos musicais aprendidos, bem como em nível de interação social e cultural dos alunos. Além disso, verificamos que os processos de criação são os que mais têm contribuído nas demandas requeridas pela realidade desafiadora do Programa. A criação de arranjos musicais, por exemplo, tanto de peças do

repertório trabalhado, quanto de criações dos alunos, além de contemplar as necessidades e as diferenças individuais dos participantes, auxilia na questão do número elevado de alunos, uma vez que realiza a divisão da turma em grupos, cada qual responsável por uma função dentro do todo. A insuficiência de instrumentos musicais é compensada pela criação de instrumentos, pela elaboração de percussão corporal e pela exploração das possibilidades vocais e das sonoridades de objetos, que alimentam os arranjos acima mencionados.

As dificuldades com espaço físico são minimizadas pela exploração criativa de demais ambientes; como por exemplo, as atividades rítmico-corporais no pátio ou quadra, ou trabalhos com a *Paisagem Sonora* nos espaços exteriores da escola e entorno. Outra solução é a utilização da sala de informática (que quase toda escola possui) para apreciação de áudios e vídeos musicais. Já os problemas com indisciplina e dificuldade de comunicação com os adolescentes encontram resposta em atividades que comunicam com a realidade sociocultural dos alunos. As propostas de criação de uma banda ou outros grupos musicais trazem resultados bastante satisfatórios, uma vez que estimulam a motivação e a reciprocidade social, que permeiam tanto o trabalho em si como os momentos de apresentação pública.

Obviamente, para não se acomodar apenas na adaptação aos problemas escolares, promove-se a constante comunicação com as coordenadoras das escolas, pleiteando melhorias e apresentando propostas, tais como: orçamento para compra de instrumentos; revezamento de espaços entre oficinas; grupos menores e com participação voluntária de alunos; iniciativas estas que, gradativamente, vêm alcançando resultados bastante positivos.

A busca, adaptação e criação de procedimentos pedagógicos frente às características da dinâmica escolar tem sido registradas em um banco de dados, como meio de referenciar e compartilhar os processos desenvolvidos. Este material é constantemente alimentado pelas propostas desenvolvidas pelos bolsistas em seus grupos de trabalho. A intenção é que, num próximo passo, seja empregado como base de metodologias voltadas para o contexto educacional em questão. O projeto é submetido regularmente à avaliação da Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, e recebeu, em 2015, a distinção de relevância acadêmica e o Prêmio Destaque da Extensão no evento 24^a. Semana do Conhecimento da UFMG.

O *Programa Escola Integrada*, apesar de vários pontos que, em nossa visão, necessitam de aperfeiçoamento, constitui-se uma rara, senão única política pública desenvolvida dentro da concepção de Educação Integral em Belo Horizonte. Ressaltamos a importância da participação da Educação Musical nesse contexto, contribuindo para a formação global de crianças e adolescentes, muitas vezes em vulnerabilidade social,

proporcionando-lhes o contato com a própria potencialidade expressiva e criativa e um maior acesso ao universo musical e artístico.

Referências:

- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (Org.) *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- FONTEERRADA, Marisa T. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP; RJ: Funarte, 2008.
- FRANÇA, Maria Cecília C.; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, prática e pesquisa. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 13, n. 21, p. 5-21, 2002.
- MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Org.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibpx, 2011.
- PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

¹ O *Programa Escola Integrada* é um projeto institucional da Secretaria Municipal de Educação / Prefeitura de Belo Horizonte. Promove atividades diversificadas no contraturno escolar; buscando desenvolver políticas públicas quanto ao ensino integral na Educação Básica.

² A despeito da Lei 11.769/08, que inclui a Música como conteúdo obrigatório na Educação Básica, o ensino musical em nosso país ainda se concentra na escola especializada e, conseqüentemente, a maior parte das metodologias de ensino musical está voltada para esse contexto.

³ Como exemplo podemos citar as atividades de alongamento e exercícios respiratórios; as “rodas de conversa”; os momentos dedicados ao desenho aliado à escuta musical; os jogos e brincadeiras, alguns fora do contexto musical; e os momentos de contato extra classe, como os almoços na cantina e excursões, que fortalecem os vínculos afetivos entre os sujeitos participantes do processo educativo.

⁴ Maiores detalhes podem ser encontrados em: SWANWICK, Keith. *A Basis for Music Education*. London: Routledge.1979.

⁵ Notebook com software de gravação *Audacity* e dois microfones.